

HQS EM MANUAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE ESPANHOL A BRASILEIROS: DE ILUSTRAÇÃO A GÊNERO

COMICS IN DIDACTIC MANUALS FOR SPANISH TEACHING TO BRAZILIANS: FROM ILLUSTRATION TO A GENRE

Rosa Yokota¹
Doutora em Letras
Universidade Federal de São Carlos
(ryokota@ufscar.br)

Aline Cristina Polin²
Universidade Federal de São Carlos
(polinaline@gmail.com)

RESUMO: Em este artigo se apresenta uma breve análise da presença das HQs em um conjunto de manuais didáticos utilizados para o ensino de espanhol no Brasil. Toma-se como base os dados apresentados por Latino e Yokota (2009) sobre o uso de quadrinhos em aulas de espanhol e a análise de manuais didáticos de espanhol para o ensino médio publicados no Brasil feita por Polin (2015), visto que são dados que se complementam e mostram a evolução dos manuais didáticos no país desde a década de 90, quando houve o *boom* do ensino do idioma no Brasil em razão da assinatura do Tratado de Assunção, até os dias atuais. Neles identifica-se o uso das HQs em diferentes tipos de atividade, que vão do entretenimento ao trabalho com os quadrinhos como gênero discursivo, um progresso que foi marcado pela evolução dos métodos de ensino de línguas estrangeiras e dos estudos sobre a leitura.

Palavras chave: Quadrinhos. HQ. Espanhol. Manual didático. Ensino.

ABSTRACT: This article presents a brief analysis of the presence of comic books in a set of didactic manuals used for Spanish teaching in Brazil. The present research is based on the data presented by Latino and Yokota (2009) about the use of comics in Spanish classes and on Polin's (2015) analysis about Spanish didactic manuals used in Brazilian High Schools. The data complement each other and show the evolution of didactic manuals in the country since the 90's, the boom of Spanish teaching in Brazil due to the Assunção Agreement. The use of Comics can be seen in different kinds of activities, from simple entertainment to a discursive genre: an evolution that was marked by the progression of the studies about reading and of teaching methods applied to foreign languages.

Key words: Comics. Spanish. Didactic manual. Teaching.

¹ Docente do Departamento de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – habilitações Português e Espanhol da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e bolsista de Iniciação Científica pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo), processo: 2014/00677-3, de 01/08/2014 a 31/07/2015.

Introdução

Este artigo insere-se nos estudos sobre o ensino e a aprendizagem de espanhol a brasileiros, mais especificamente nos estudos sobre materiais didáticos de língua espanhola.

Desde o final dos anos 80, nota-se a expansão do ensino de espanhol como língua estrangeira (ELE) em razão de uma série de acontecimentos sociais, políticos e, principalmente, econômicos em que se destacam a globalização em âmbito mundial e o Tratado de Assunção, em particular. Entre as consequências da globalização, está a expansão da indústria editorial de manuais didáticos na Europa (com os parâmetros curriculares estabelecidos pelo Conselho de Europa) em razão da demanda por curso de idiomas. A formação de blocos econômicos na América do Sul culminou com o Tratado de Assunção, conhecido como Tratado do Mercosul, que em termos educacionais impulsionou o ensino de português e de espanhol como línguas estrangeiras nos países que o assinaram.

No Brasil, nos anos 90, houve um significativo crescimento e posterior decréscimo de cursos de espanhol nas escolas de idiomas e até mesmo em algumas instituições de ensino superior. O público alvo destes cursos eram os adultos, apesar de algumas escolas regulares começarem a incluir o espanhol como uma das disciplinas de sua grade curricular. Naquela época havia pouca oferta de manuais didáticos nacionais para o ensino de ELE e, por isso, grande parte dos materiais utilizados era importada da Espanha. Somente neste século, ações governamentais fizeram com que houvesse uma retomada no interesse pelo espanhol. Um dos fatos marcantes para isto foi a lei 11.161/2005, a partir da qual se regulamentou o ensino de espanhol nas instituições de ensino, tornando sua oferta obrigatória pela escola no ensino médio e sua matrícula opcional para os estudantes. Desde então, foram organizados e publicados documentos oficiais em que a disciplina de língua espanhola foi incluída, como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), de 2006, em que se passou a ter um capítulo intitulado ‘Conhecimentos de Espanhol’, no volume 1 (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias), e o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) que, a partir de seu edital para 2011³, começou a selecionar manuais

³De acordo com Costa (2014, p. 43), o componente curricular Língua Estrangeira Moderna foi incluído pela primeira vez nos editais do PNLD – Ensino Fundamental (2011) e Ensino Médio (2012) – publicados em 2008 e 2009, respectivamente. Os anos se referem à chegada dos livros às escolas, o

didáticos para o ensino de línguas estrangeiras (inglês e espanhol) para o ensino fundamental e médio.

Pode-se dizer que, na última década, houve uma grande evolução nos manuais didáticos para o ensino de espanhol publicados no Brasil. Inicialmente, eles eram bastante influenciados pelos parâmetros europeus presentes nos manuais importados, mais voltados para cursos de idiomas para adultos do que para escolas regulares; com o tempo, é possível notar a adaptação dos manuais às exigências dos editais do PNLD e sua adequação às características do público juvenil e escolar.

Ao estudar as HQs em aulas de língua espanhola, Latino e Yokota (2009) verificam a sua presença em manuais didáticos da década de 90. Estes dados podem ser complementados pela pesquisa de Polin (2015)⁴, que analisa quatro manuais didáticos para o ensino médio publicados entre 2005 e 2012. A partir das duas pesquisas, é possível traçar um panorama da evolução das atividades relacionadas às HQs propostas nos manuais didáticos de língua espanhola usados no Brasil.

Uma breve caracterização de HQ

Os quadrinhos ou as HQs têm suas peculiaridades que são comuns às tiras e aos gibis, tanto que os termos podem ser encontrados como sinônimos em alguns contextos. Entre suas características básicas, elencadas por Latino e Yokota (2009, p. 158-160), estão:

- a vinheta: É considerada a unidade narrativa mínima. Ela serve para determinar um momento significativo da narrativa. Pode ter bordas ou não: uma vinheta sem bordas pode traduzir-se como uma tentativa do desenhista de ampliar o espaço da ação. Vinhetas com uma largura maior devem ser entendidas como um espaço maior de tempo narrativo. A página de um gibi costuma ter entre seis e oito vinhetas. A forma em que são distribuídas dentro da página é denominada diagramação.

edital do PNLD 2011 foi publicado em 2008, as inscrições das coleções e a avaliação ocorreram em 2009 e o guia foi publicado em 2010. No decorrer de 2010, os professores escolheram os livros e, em 2011, o MEC fez o envio deles às escolas.

⁴ Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida e concluída com bolsa FAPESP, processo: 2014/00677-3, por Aline Cristina Polin, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Yokota, intitulada 'HQs em materiais didáticos para o ensino de Espanhol / LE'.

- os planos: São os enquadramentos escolhidos pelo desenhista para narrar a história e estão vinculados à figura humana.

- O plano geral é um tipo de enquadramento amplo o suficiente para situar a figura humana em seu interior. Serve para o leitor ter uma ideia de onde a ação acontece.
- O plano total tem dimensões próximas da figura humana completa e serve para acompanhar as ações da personagem que é o foco de nossa atenção.
- O plano americano recorta o espaço na altura dos joelhos da figura humana. Também é chamado de plano de conversação porque abrange aquilo que vemos quando estamos conversando com alguém perto de nós.
- O primeiro plano limita o espaço à altura dos ombros da figura humana e nos aproxima da intimidade da personagem, de seu estado afetivo, de suas dúvidas. É o plano da abordagem psicológica.
- O plano de detalhe ou primeiríssimo plano limita o espaço em torno de uma parte do corpo ou de um objeto em particular.

- ângulos de visão ou ponto de vista: É o movimento de câmera que serve para registrar a história. São três:

- O ângulo de visão médio, que registra a ação à altura dos olhos.
- O ângulo de visão superior, que registra a ação de cima para baixo.
- O ângulo de visão inferior, que registra a ação de baixo para cima.

A escolha do ângulo de visão ou ponto de vista está determinada por escolhas que muitas vezes têm a intenção de refletir estados psicológicos.

- textos: Nos quadrinhos, os textos servem para agilizar ou dosar a narrativa e complementar aquilo que os desenhos não conseguem expressar. Há vários tipos de texto nas histórias em quadrinhos. O texto

narrativo é como se fosse a voz do narrador. Ele normalmente encontra-se delimitado por uma caixa retangular e sua localização dentro da vinheta é aleatória.

- os balões: Os textos de diálogo das personagens da história são colocados nos balões. O balão de fala tem um corpo e um rabicho que indica quem é a pessoa que fala. Normalmente, os balões são colocados na parte superior da vinheta para não atrapalhar a composição da cena. A ordem de leitura dos balões segue as convenções ocidentais, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Há tipos de balões para representar diferentes formas de expressão, essas molduras funcionam como se fossem verbos de comunicação e pensamento.

Material didático e HQs

A presença das HQs nos manuais didáticos é bastante aceita hoje em dia dada a sua importância como material visual amplamente utilizado como apoio ao tratamento de temas escolares, entretanto a sua inclusão nos manuais aconteceu de forma tímida. Constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos e as próprias editoras começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras. Segundo Vergueiro et al (2006, p. 20):

No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções. [...] Felizmente, as últimas décadas do século passado presenciaram, cada vez mais, a utilização de histórias em quadrinhos pelos professores das diversas disciplinas, que nelas buscaram não apenas elementos para tornar suas aulas mais agradáveis, mas, também, conteúdos que pudessem utilizar para transmissão e discussão de temas específicos nas salas de aula.

Os próprios órgãos oficiais de educação⁵ passaram a reconhecer o uso de materiais como quadrinhos, charges e cartuns⁶ no currículo escolar, além de incentivar o aprender e ensinar com textos não escolares⁷. Nos manuais didáticos de forma geral, segundo Vergueiro et al (2006, p. 18-19), a utilização de quadrinhos como apoio ao tratamento de temas escolares de forma lúdica acentuou-se durante a década de 70. Entretanto, o aspecto lúdico era o que se destacava no uso das HQs nos manuais, sendo que, em muitos casos, a HQ era simplesmente uma ilustração para a unidade, não aportando ou não sendo explorada como um texto que a compunha.

No que se refere ao âmbito do ensino de línguas estrangeiras, a presença de ilustrações esteve presente como um dos recursos didáticos utilizados por editoras, escolas e professores em diferentes metodologias de ensino e conseqüentemente, em seus materiais didáticos. Os manuais audiolinguais⁸, por exemplo, faziam amplo uso de ilustrações quadro a quadro que simulavam a seqüência de diálogos, eram materiais que se aproximavam bastante da HQ, mas que não apresentavam todas as suas características: seus diálogos didatizados eram colocados na lateral ou embaixo das ilustrações e o que seriam as vinhetas não continham texto nem balões.

A presença de ilustrações retiradas de revistas, jornais e outros meios de comunicação de massa, como é o caso dos quadrinhos, somente ganhou força nos

⁵ O emprego de histórias em quadrinhos é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados na segunda metade dos anos 90, inclusive com orientações sobre sua utilização e adequação a determinadas faixas etárias.

⁶ A diferenciação de caricatura, charge, cartum e HQs é bastante difícil, pois todos fazem parte de gêneros não verbais ou icônico verbais muito próximos, segundo Mendonça (2010, p. 212). Seu surgimento ocorreu na seqüência elencada anteriormente. Na literatura especializada, há especificações que diferenciam cada gênero por suas características icônicas e histórico-sociais.

⁷ O reconhecimento do sucesso editorial dos quadrinhos fez com que editoras criassem histórias em quadrinhos especialmente para a transmissão de conteúdos escolares. Nesse caso, a linguagem dos quadrinhos passou a ser usado com objetivo mais amplo que o entretenimento, passando à categoria de publicação didática. Em publicações para o ensino de línguas estrangeiras houve algumas tentativas de adaptar conteúdos programáticos às HQs. No caso do espanhol, podemos citar como exemplo o material *Gente que lee*, de Martín Peris e Sans Baulenas (1997) em que parte do enredo é apresentada através de quadrinhos.

⁸ Método audiolingual ou metodologia audiolingual, de acordo com Hanna (2012, p. 36-41) insere-se em uma abordagem tradicional de ensino de línguas estrangeiras. Caracteriza-se por destacar a relação próxima entre a estrutura da língua e o contexto situacional em que é usada. Dá ênfase às habilidades orais, ao léxico e às estruturas gramaticais. Como procedimento básico, defende a repetição para obter a fluência na língua, como uma formação de hábito. Nos anos 60 e 70, gozou de grande popularidade e teve forte impacto na área de linguística aplicada, uma vez que era uma proposta pedagógica baseada em princípios científicos (estruturalismo e comportamentalismo).

anos 80, em razão da ideia de que o ensino de línguas estrangeiras deveria apresentar 'material autêntico' ao estudante:

Muchos defensores de la Enseñanza Comunicativa de la Lengua han propuesto el uso de materiales 'no adaptados' y 'reales' en el aula. Esto incluye materiales auténticos de carácter lingüístico, como señales, revistas, anuncios y periódicos, o bien recursos gráficos o visuales, como mapas, dibujos, símbolos, gráficos y cuadros a partir de los cuales se pueden desarrollar las actividades comunicativas.(RICHARDS; RODGERS, 1998, p. 83)

Assim, na descrição de material didático em propostas de cursos era bastante comum um texto como:

Material – o material utilizado é sempre autêntico e usado de maneira mais genuína possível (...). A escolha recai sobre artigos de jornais, folhetos, textos jornalísticos e revistas, mapas, calendários, fotos, gravuras, tabelas, gráficos, convites diversos, receitas culinárias, agendas, histórias em quadrinhos, peças de teatro e cartas, com a preocupação dominante da atualidade do material. (...) (CÉLIA *et al*, 1989, p. 107)

Os que defendiam seu uso propunham que os textos autênticos, ou seja, aqueles escritos para os leitores do país onde se fala determinada língua, não reduziram artificialmente as dificuldades nem adulterariam a sua textualidade. A leitura de textos autênticos, assim, prepararia o aprendiz para a comunicação no país da língua alvo. O mercado editorial absorveu o discurso da dicotomia autêntico *versus* não autêntico e passou a incorporar nos manuais de língua estrangeira documentos que, se não eram autênticos, simulavam fisicamente o original. Entretanto, de acordo com Franzoni (1992, p. 41), é importante não perder de vista que “o que deve ser priorizado é o que se fazer e como trabalhar esse material” e não se ater somente na sua presença ou não no manual, pois saber explorar através de atividades pedagógicas o texto é essencial para prática docente. A presença de material considerado autêntico não garante um trabalho pedagógico adequado se não houver a intervenção do professor. A formação e a atuação do professor são fundamentais, pois o material considerado autêntico pode ser trabalhado de forma que se apaguem suas características e qualquer vantagem que ele poderia ter sobre um material não autêntico.

Apesar das intenções iniciais de considerar as necessidades do público-alvo, os cursos comunicativos, baseados em livros didáticos, passaram a ter atitudes

impositivas quanto a procedimentos. Considerando a importância que tem o manual didático na sala de aula de língua estrangeira, como comprovam estudos empíricos junto a professores e alunos citados por Coracini (1999), é necessário reforçar que o termo 'material didático' se refere a todos os recursos que empregamos no ensino e não somente ao livro didático. Além disso, como assinala a mesma autora, é necessário que o material didático não passe a ocupar o lugar central do processo e não perca a sua função de instrumento ou de objeto de estudo para o ensino/aprendizagem.

HQs em manuais didáticos para o ensino de espanhol

Nos manuais didáticos de ELE é comum que as propostas de atividades a partir de HQs se baseiem em quadrinhos com fins didáticos como forma de introduzir ou exemplificar algum tema (lexical, gramatical ou funcional). Às vezes a preocupação com o conteúdo programático é tal que o texto e o formato da HQ são prejudicados. A possibilidade de trabalhar a adequação, aspectos da oralidade, a variedade linguística, a caracterização de personagens ou outras propostas sugeridas por Ramos (2006, p. 65-85) ficam inviabilizadas nesse tipo de adaptação da HQ. É o que ocorre em muitos manuais didáticos dos anos 80 e parte dos anos 90, como no exemplo apresentado por Latino e Yokota (2009, p.164), *VEN 2* de Castro et al (1992, p. 52), em que se usa a HQ para introduzir o estilo indireto em espanhol⁹. Cria-se uma sequência de imagens com personagens cujos balões de diálogo exemplificam o uso do discurso indireto. Assim, o primeiro balão de diálogo contém as intervenções em discurso direto e os balões seguintes repetem a informação em discurso indireto em diferentes quadros que simulam a passagem do tempo. A troca de turnos e o conteúdo dos diálogos simulam uma HQ, mas não são de uma HQ de fato: nota-se a falta de um enredo e os balões de diálogo não corresponderiam, textualmente, aos de uma HQ.

A partir da metade dos anos 90 a presença de HQs passa a ser mais frequente nos manuais. Nota-se também que aparecem tanto na introdução de um tema (funcional, lexical ou gramatical) quanto nas atividades de interação ou fixação de

⁹ Por não termos a autorização expressa das editoras e dos autores para a reprodução das ilustrações, optamos por fazer a descrição das ilustrações e das atividades, além de fornecer as referências das obras didáticas em que se encontram.

conteúdos. Nos manuais surgem HQs originalmente publicadas em gibis ou jornais. Histórias de desenhistas como Quino (Mafalda - Argentina), Pepo (Condorito – Chile), Romeu (Espanha), Forges (Espanha), Maitena (Argentina), etc. passam a fazer parte da leitura dos estudantes. A compreensão do humor dessas HQs exige do leitor as competências linguística e cultural, ou seja, o estudante precisa ir muito além da decodificação e tradução do texto verbal dos balões para compreender a HQ. O exemplo apresentado por Latino e Yokota (2006, p. 165) é do manual *ELE 1*, de Borobio (1995, p. 84-85), em que encontramos uma tira de Forges publicada no jornal espanhol *El Mundo*; nele, em um bar lotado, um funcionário público de escritório governamental diz a uma colega: “*Oye, yo me vuelvo al ministerio que a las 12 empieza la clase de yoga*”. As perguntas de interpretação de texto¹⁰ que acompanham a tira devem ser respondidas em grupos, a partir da leitura e observação de características da tira. Ou seja, nota-se que há a exploração da HQ em uma atividade de expressão oral que tenta abordar conteúdo cultural. Este tipo de atividade com HQs pode ser visto também em *Hacia el Español*, de Bruno e Mendoza (1997), publicado no Brasil.

Entretanto, nota-se que entre os manuais didáticos da época também era bastante comum a presença das HQs em uma parte denominada ‘cultural’ ou de ‘curiosidades’ ou de ‘entretenimento’, em que HQs poderiam ser o texto escolhido para um descanso do conteúdo formal da unidade, como vemos em manuais como *Para Empezar A*, de Equipo Pragma (1989). Neste manual, as aberturas de unidade apresentavam HQs didatizadas e uma vinheta com um ambiente (situação) em que personagens dialogavam (sem balões, mas com caixas de diálogo).

Entende-se que os manuais de espanhol citados fazem parte de um período de transição em que as HQs ainda estavam sendo experimentadas como material autêntico nas aulas, mas sem uma reflexão sobre sua finalidade, visto que sua presença ainda estava atrelada ao uso autêntico, ou seja, material para entretenimento. A reflexão sobre o uso pedagógico não estava suficientemente desenvolvida naquele momento. Apesar da longa tradição de HQs em língua

¹⁰1. ¿Dónde trabaja este señor?

2. ¿Qué profesión tiene?

3. ¿Qué hora cree que es? ¿Por qué?

4. ¿Es normal tener una clase de yoga en el trabajo?

5. ¿Qué quiere expresar el autor de este chiste?

espanhola na Argentina e na Espanha que abordavam temas históricos, sociais e de denúncia, nos materiais didáticos houve a preferência pelo material publicado em revistas e jornais, de cunho mais popular.

Neste período, a aplicação dos estudos sobre leitura e gêneros textuais ao ensino de línguas estrangeiras estava em desenvolvimento. A leitura crítica, em que ler significava entender o argumento do autor, era a tendência naquele momento, como pode ser notado na pergunta da atividade que acompanhava a tira de Forges, em Borobio (1995): “¿Qué quiere expresar el autor de este chiste?” Nota-se que a atividade explora o texto do balão, mas não há o estudo da tira como um todo visto que ainda era incipiente o uso da imagem para fins pedagógicos no currículo.

As editoras passaram a buscar autores nacionais para a elaboração de manuais específicos para o público infanto-juvenil a partir de meados dos anos 90 e, depois de um período inicial em que os manuais ainda eram bastante semelhantes aos modelos importados, a partir do ano 2000, houve uma significativa diversificação de títulos e autores de manuais para o ensino de espanhol.

A pesquisa de Polin (2015) analisa quatro coleções didáticas de espanhol para estudantes do ensino médio, todas publicadas no Brasil. As obras analisadas são de autores brasileiros e foram publicadas entre 2005 e 2012, ou seja, uma amostra significativa das publicações posteriores à lei 11.161/2005.

As obras de 2005 que fizeram parte do corpus de sua pesquisa foram: *Listo*, de Milani et al (2005), e **Espanhol-Série Brasil**, de Martin (2005). Ambas não tiveram os parâmetros das OCEM específicos para o ensino de espanhol, que foram publicados somente em 2006¹¹, porém tinham como base as orientações gerais dadas pela edição anterior das OCEM para o ensino de línguas estrangeiras em geral.

Espanhol-Série Brasil, de Martin (2005), segundo Polin (2015), mantém a organização das unidades didáticas semelhante ao de manuais importados da década de 90, em que havia uma parte destinada à diversão ou ao entretenimento. Grande parte das unidades, 22 das 25, tem HQs na seção denominada *¡Diviértete!*, em que a HQ não faz parte de uma atividade específica e o professor é quem deveria incorporar

¹¹ As OCEM de 2006 têm como base teórica, na parte geral sobre línguas estrangeiras, o letramento crítico e o estudo do gênero discursivo. Na parte específica sobre o espanhol, se destaca a forte preocupação com o lugar do espanhol na formação cidadã do estudante do ensino médio, com a relação do espanhol com a língua materna do estudante, com o tratamento dado à variedade linguística e com questões metodológicas.

sua leitura à aula de acordo com seu interesse. Vergueiro et al (2006:26) explica que a leitura das HQs apenas como um texto a mais na sequência de atividades e como um momento de descontração “pode atingir resultados exatamente opostos aos pretendidos”, ou seja, se o fluxo da aula é interrompido para a leitura das HQs, é entendido que o professor necessita de “um descanso na sua árdua tarefa de ensino”; a leitura descompromissada da HQ sugere até mesmo que a aula não está atendendo às expectativas.

Quanto a *Listo*, de Milani et al (2005), das 24 unidades do manual, 12 contêm HQs. A maior parte, 11 das HQs, estava presente no momento de descontração da aula, mais especificamente na seção *Entretenimiento*. Entretanto, o manual propõe para parte destas HQs atividades relacionadas à interpretação de texto e à produção textual.

As duas obras de 2005 não apresentam um aproveitamento adequado das HQs como gênero discursivo; as HQs, por vezes descontextualizadas, poderiam ocasionar o que sugeri anteriormente Vergueiro et al (2006), visto que a seção destinada aos quadrinhos é a de entretenimento. É possível que o professor tenha procedimentos para a exploração dos textos que levem ao aproveitamento das HQs dentro da temática proposta pelo livro e que possibilite o desenvolvimento de um leitor crítico, entretanto, os manuais não dão orientações neste sentido elas se limitam a um momento para diversão.

Em *Español entre contextos*, de Rodrigues et al (2011), há uma proposta de compreensão textual para as HQs, porém, dependeria do professor uma possível análise de aspectos culturais, históricos e sociais; o que se sugere nos enunciados das atividades do livro é bastante limitado. Nos três volumes, há poucas HQs. Somente 9, divididas da seguinte forma: 3 no livro 1, 2 no livro 2 e 4 no livro 3. Cinco delas estão na seção *Paseo Libre* destinada ao entretenimento pós-aula. Mesmo assim, há atividades elaboradas para a leitura das HQs nesta seção. Esta coleção foi elaborada considerando o edital do PNLD de 2012, porém não foi selecionada.

A coleção *Enlaces – español para jóvenes brasileños*, de Osman et al (2012) ampliou o uso das HQs para algo mais que uma breve leitura com exercício de compreensão textual, aproximando-se da proposta de letramento crítico presente nas OCEM de 2006. Ela foi aprovada pelo PNLD de 2012. Entende-se que o fato de ter sido avaliada e selecionada indica que a coleção cumpre critérios relacionados com a

escolha dos gêneros e as atividades elaboradas. Diferentemente das demais coleções, os autores desta obra não criaram uma seção de entretenimento como a existente nos demais manuais, todas as seções têm objetivos claros e atividades diversificadas e as HQs estão presentes em seções variadas, com objetivos diferentes. Há 12 atividades com HQs divididas nos 3 livros da coleção.

Polin (2015, p. 58) afirma que é perceptível que a quantidade de HQs nos manuais didáticos de espanhol para brasileiros diminuiu consideravelmente se comparada ao que havia nos manuais no início da década, porém, apesar do decréscimo na quantidade, pode ser constatado um aumento na qualidade das atividades relacionadas ao gênero. Isto significa que algumas tiras ainda são postas como suporte para atividades que não desenvolvem a leitura, mas é interessante notar que a exploração pedagógica das HQs não se limita a um só tipo de atividade nos livros elaborados a partir do edital PNLD 2012. Há maior equilíbrio entre os diferentes gêneros presentes nos manuais didáticos mais recentes, além disso, nota-se que eles passaram a ter um tratamento pedagógico mais adequado.

Outra constatação de Polin (2015) é que há uma variedade maior de fontes das tiras, sendo que uma parte deles é de autores já consagrados como Quino (presente em manuais didáticos desde a década de 80), outra originária de sites de notícias (tiras de jornais, revistas ou blogs) e há também autores que não circulam nos meios mais comerciais por suas obras terem projeção no âmbito artístico.

Considerações finais

No presente artigo apresentou-se, através da análise de uma amostra de manuais didáticos, que houve uma evolução no tratamento dado às HQs pelos seus autores e editoras. Elas deixaram de ser simplesmente ilustração, como nos manuais audiolinguais e em parte dos livros da década de 90, para, pouco a pouco, serem exploradas pedagogicamente, seja através de atividades que objetivavam o ensino de conteúdo funcional, gramatical, lexical ou cultural, seja através daquelas que procuravam desenvolver as habilidades escritas (compreensão leitora e produção de texto).

Apesar das OCEM, os editais do PNLD foram determinantes para uma grande mudança nos manuais didáticos para o ensino de espanhol destinado aos estudantes da escola regular. Nota-se que o tratamento dado às HQs passou de ilustração para

texto e posteriormente para gênero. A formação teórica e prática oferecida aos professores através de obras como as de Barros e Costa (2010) encontra eco nos manuais didáticos mais recentes. No caso deste artigo, constatar o reconhecimento das HQs como um gênero discursivo que pode ser explorado pedagogicamente na aula de língua estrangeira é um fato importante. Verificamos que nos manuais didáticos é possível encontrar propostas com quadrinhos que possibilitam que o estudante aprenda sobre a produção cultural em língua espanhola, discuta temas abordados por eles e entendam as sutilezas presentes neste gênero discursivo.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de; LOMBELLO, L. C. (org) **O ensino de português para estrangeiros**. Campinas: Pontes, 1989.

BARROS, C.; COSTA, E. G. de M. (org) **Espanhol: Ensino médio**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino, v. 16. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16903&Itemid=1139. Acesso em: 27 de ago. 2015.

BOROBIO, V. **Ele 1**. Madrid: Ediciones SM, 1995.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, vol.1.

BRUNO, F. C. ; MENDOZA, M. A. **Hacia el español básico**. São Paulo: Saraiva, 1997.

CASTRO, F. et al **Ven 2**. Madrid: Edelsa-Edi6, 1996.

CELIA, M. H. C. et al. Preparação de materiais: adequação à realidade. In: CORACINI, M. J. (org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999.

COSTA, E. G. de M. Que livro didático nós queremos? Reflexões a partir do PNLD de língua estrangeira. In: CORDEIRO, A. L. et al (org.) **Hispanismo no Brasil**. Reflexões e sentidos em construção. São Carlos: Pedro & João. 2014. p. 43-82.

DIONÍSIO, A.P. MACHADO, A.R. BEZERRA, M.A. **Gêneros Textuais & Ensino**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 209-224.

EQUIPO PRAGMA. **Para empezar A**. Madrid: Edelsa-Edi6, 1989.

FRANZONI, P. **Nos bastidores da comunicação autêntica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

HANNA, V. L. H. **Línguas estrangeiras**. O ensino em um contexto cultural. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2012.

LATINO, M.; YOKOTA, R. HQs na aula de língua espanhola. In: ALVES-BEZERRA, W.; SIGNORI, M. B. D. (org.) **Letras em Jornada**. Artigos da 12ª Jornada de Letras da UFSCar. São Carlos: Pedro & João, 2009. p.151-174.

MARTÍN, I. R. **Espanhol – Série Brasil**. Volume único. 1 ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARTÍN PERIS, E.; SANS BAULENA, N. **Gente que lee**. Barcelona: Difusión, 1997.

MENDONÇA, M.R.S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: MILANI, Ester M. et al. **Listo**: español a través de textos. São Paulo: Moderna, 2005.

POLIN, Aline Cristina. **HQ em materiais didáticos para o ensino de espanhol/LE**. 2015. 65p. Relatório (Iniciação Científica). FAPESP/Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.

RAMOS, P. Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa. In: VERGUEIRO, W. et al. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 65-86.

RICHARDS, J. R.; RODGERS, T. S. **Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas**. Madrid: Cambridge University Press. 1998.

VERGUEIRO, W. et al. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

Recebido em 18 de julho de 2016
Aceito em 18 de dezembro de 2016